



# Boletim Informativo

SOCIEDADE HISTÓRICA DA INDEPENDÊNCIA DE PORTUGAL



N.º 344/46 – Ano XXXI  
Julho, Agosto e Setembro de 2015

## Editorial



### SOCIEDADE HISTÓRICA

João António Pacheco Pereira Coutinho. Silêncio e Luto

#### In Memoriam

Deus chamou a si, a 11 de Setembro, o querido Amigo, Sócio Honorário, Membro do Conselho Supremo e Presidente do Conselho Fiscal, João António Pacheco Pereira Coutinho.

O João Pereira Coutinho serviu a Sociedade Histórica durante cerca de 33 anos, de 1 de Dezembro de 1982 a 11 de Setembro de 2015, quando chamado para a Casa do Pai.

Foi, por longos períodos, membro da Direcção e Presidente do Conselho Fiscal, bem como, a título vitalício, integrou o Conselho Supremo. Esteve sempre presente nas actividades, culturais e patrióticas, da Sociedade Histórica. Era um Histórico e Benemérito da Casa, que nunca esqueceremos.

Reformado do Grupo Cuf – no qual desempenhou funções de relevo nas áreas financeira e da contabilidade – nasceu e se fez Homem numa ilustre Família, cultora dos valores eternos de Deus, Pátria e Família, a qual deu à Nação Portuguesa distintos oficiais, superiores e generais, das Forças Armadas, altos funcionários do Estado e empresários de sucesso.

O João Pereira Coutinho, além de Grande Português, era um Homem Bom, que sempre repartiu a sua actividade pela Sociedade Histórica e por outras obras sociais e culturais, com destaque para a presidência do Ginásio Clube Português e as Direcções da Casa do Algarve e da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Campo de Ourique.

A Sociedade Histórica curva-se perante a sua memória de Português e de Benemérito.  
Descansa em paz, Querido Amigo.

#### Sustentabilidade

O ano de 2015 vem registando a tranquilidade dos anteriores – apesar dos atrasos do Estado no cumprimento das suas obrigações contratuais – pelo que prevejo a possibilidade de nova situação de equilíbrio orçamental consecutivo.

Está em curso a reavaliação do património mobiliário. Vão ser adjudicadas a reabilitação da Sala dos Azulejos, a limpeza dos óleos do Conjurado D. Miguel de Almeida, Conde de Abrantes e do Cardeal D. Afonso de S. João e de S. Paulo, Arcebispo de Lisboa, assim como restaurada a bandeira inicial da Comissão Central do 1.º de Dezembro.

Em Novembro, a Sociedade Histórica candidatará a recuperação do painel azulejar do século XVII, Caça ao Javali, de Gabriel del Barco, ao Prémio Vilalva, da Fundação Calouste Gulbenkian.

Manter-se-ão as conversações com a Fundação da Casa de Bragança para a pintura da fachada exterior do Palácio da Independência e a criação do pólo de Lisboa do Museu da Restauração.

### Direcção do Palácio

O Ministro da Educação e Ciência concedeu à Sociedade Histórica o valioso patrocínio, em espécie, da cedência de interesse público – figura sucedânea do destacamento – do director suplente, a cooptar como efectivo, Arquitecto Luís Ressano Garcia Lamas, para director do Palácio da Independência e interlocutor privilegiado do anunciado Ministério da Cultura para os dossiers da candidatura da recuperação do conjunto Monumental do Palácio da Independência – Palácio, Jardim, Muralha Fernandina – aos fundos estruturais da União Europeia e da EFTA destinados à recuperação do Património Cultural.

O Arquitecto Luís Lamas foi meu adjunto na Educação e no Governo de Macau, assim como Director de Comunicação dos Correios, quando exerci a presidência da empresa, sendo bem conhecidas as suas grande competência e sensibilidade às questões do património classificado, bem como o bom gosto na musealização e decoração dos espaços.

### Congratulação

A Sociedade Histórica congratula-se com os novos e recentíssimos reconhecimentos do mérito e obra de dois membros do Conselho Supremo; o Padre Prof. Doutor Duarte Nuno Queiroz de Barros da Cunha e o Historiador Prof. Doutor José Eduardo Franco.

Nuno da Cunha, secretário das Conferências Episcopais Europeias, com sede em St. Gallen (Suíça), acaba de ser nomeado perito do Secretariado do Sínodo da Família, para apoiar os Cardeais Lorenzo Baldisseri, secretário especial, e Péter Erdo, relator geral, na elaboração dos documentos e orientações a aprovar nesta assembleia magna da Santa Sé.

José Eduardo Franco foi agraciado, pela Presidência do Conselho de Ministros, através da Secretaria de Estado da Cultura, com a Medalha de Mérito Cultural, Grau Ouro.

Entretanto, acaba de ser nomeado titular da nova Cátedra Infante D. Henrique, criada por convénio entre a FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia e a Universidade Aberta.

### Efemérides do 4.º Trimestre

Para além do alinhamento normal dos Institutos, serão evocados, no 4.º trimestre, respectivamente os 600 anos da Conquista de Ceuta (1415); os 500 anos da Chegada de Portugal a Timor (1515); os 200 anos da criação do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves (1815); os 100 anos do Movimento Literário Orpheu (1915); e os 40 anos do 25 de Novembro (1975);

### Chaminés do Palácio

Nos próximos dias, a Fundação Inatel promoverá a reabertura do restaurante “Chaminés do Palácio”, na sequência da selecção de novo franchisado, a quem desejamos as maiores felicidades.

### 1.º de Dezembro de 2015

O primeiro de Dezembro de 1640 será evocado, pela centésima quinquagésima terceira vez consecutiva, pela Sociedade Histórica, Município de Lisboa, Movimento 1.º de Dezembro, Forças Armadas e Militarizadas, Escolas Militares e Civas, Liga dos Combatentes e Associações de Combatentes, Comissão Portuguesa de História Militar, Academias e Instituições Culturais e Sociais.

Esperemos que a Restauração seja evocada no maior número de Municípios e que o Poder Político se associe à sociedade civil na colaboração desta data “sine qua non” da Portugalidade.

### Repristinação do Feriado do 1.º de Dezembro

O nosso parceiro institucional Movimento 1.º de Dezembro, coordenado pelo Deputado José Ribeiro e Castro, entregou, a 12 de Outubro, à Presidente da Assembleia da República a petição para a “Restauração imediata do Feriado do 1.º de Dezembro”.

A 12 de Outubro comemoraram-se os 105 anos da instituição legal, por Decreto do Governo Provisório da República, de 12 de Dezembro de 1910, do feriado nacional do 1.º de Dezembro, “... o feriado dos feriados, o mais importante dos feriados nacionais portugueses”.

**José Alarcão Troni**

**(24º Presidente da Direcção)**

## FICHA TÉCNICA DO BOLETIM INFORMATIVO DA SHIP

Fundador: Carlos Vieira da Rocha

Director: José Augusto Alarcão Troni

Boletim Informativo com periodicidade trimestral. Editor: António Marques Francisco.

Edição e propriedade da Sociedade Histórica da Independência de Portugal.

Palácio da Independência. Largo de São Domingos, n.º 11 – 1150-320 Lisboa.

No cabeçalho da capa pormenor do Painel da Azulejos das Metamorfoses de Ovídeo (Palácio Independência).

Correio Electrónico: shipgeral@ship.pt

Endereço Internet: www.ship.pt

NIF:500875294 Tel.213241470

Fax.213243699

NIB para pagamento de quotas: 506970043880473214 Valor da quota anual: € 30,00

Uma vez mais a Sociedade Histórica e o Guião, em parceria, iniciaram as comemorações do aniversário da Batalha Real de 1385, no Campo de S. Jorge, junto ao monumento evocativo a D. Nuno Álvares Pereira.



A Eucaristia, presidida pelo Rev.ª Pe. Ricardo dos Reis Rainho, Comissário da Ordem do Carmo, teve a presença, para além das autoridades locais e dos membros da Fundação Aljubarrota, de muitos convidados, de 33 sócios SHIP/Guião, expressamente deslocados de Lisboa, Porto e Guarda, e ainda de muitos residentes.

O Pe. Reis Rainho terminou a homilia com três breves citações sobre a

figura impar de São Nuno.

‘A primeira é tirada da Nota Pastoral da Conferência Episcopal Portuguesa em Março de 2009, por ocasião da canonização de Nuno Álvares Pereira:

‘Nuno Álvares Pereira foi um homem de Estado, que soube colocar os superiores interesses da Nação acima das suas conveniências, pretensões ou carreira. Fez da sua vida uma missão, correndo riscos para servir a Pátria e o povo. Em tempo de grave crise nacional, optou corajosamente por ser parte da solução e, numa entrega sem limites, enfrentou com esperança os enormes desafios sociais e políticos da Nação. Coroado de glória com as vitórias alcançadas, senhor de imensas terras, despojou-se dos seus bens e optou pela radicalidade do seguimento de Cristo, como simples irmão da Ordem dos Carmelitas. Não se valeu dos seus títulos de nobreza, prestígio e riqueza, para viver num clima de luxos e grandezas, mas optou por *servir preferencialmente os pobres e necessitados do seu tempo.*’

A seguir a citação das palavras do Papa Bento XVI na homilia da Missa da canonização de Nuno, em 26 de Abril de 2009:

‘Os setenta anos da sua vida situam-se na segunda metade do século XIV e primeira do século XV, que viram aquela nação consolidar a sua independência de Castela e estender-se depois pelos Oceanos – não sem um desígnio particular de Deus – abrindo novas rotas que haviam de propiciar a chegada do Evangelho de Cristo até aos confins da terra. São Nuno sente-se instrumento deste desígnio superior e alistado (na militia Christi, ou seja,) no serviço de testemunho que cada cristão é chamado a dar no

mundo. Características dele são uma intensa vida de oração e absoluta confiança no auxílio divino. Embora fosse um óptimo militar e um grande chefe, nunca deixou os dotes pessoais sobreporem-se à acção suprema que vem de Deus. São Nuno esforçava-se por não pôr obstáculos à acção de Deus na sua vida, imitando Nossa Senhora, de Quem era devotíssimo e a Quem atribuía publicamente as suas vitórias. No ocaso da vida, retirou-se para o Convento do Carmo por ele mandado construir. Sinto-me feliz por apontar à Igreja inteira esta figura exemplar nomeadamente pela presença duma vida de fé e oração em contextos aparentemente pouco favoráveis à mesma, sendo a prova de que em qualquer situação, mesmo de carácter militar e bélico, é possível actuar e realizar os valores e princípios da vida cristã, sobretudo se esta é colocada ao serviço do bem comum e da glória de Deus.’



Por fim uma citação de uma carta do Superior Maior dos Carmelitas, Pe. Fernando Millán, também por ocasião da Canonização de São Nuno:

‘Também Nuno sente, num determinado momento da sua vida, esse convite a deixar tudo, a abandonar honras, títulos, nobrezas e prestígio para se entregar de forma radical a uma vida de penitência e de oração.

Uma das características da figura do novo santo que mais chama à atenção é, sem dúvida alguma, a humildade. Não apenas no fim da sua vida, quando, sendo já carmelita, viveu de maneira totalmente austera e penitente, mas, mesmo sendo Condestável e uma das figuras mais célebres e admiradas da Coroa portuguesa, Nuno foi sempre um homem humilde, um homem que fugiu das honras excessivas e das ambições de poder.

A sua figura deve ser também, para as nossas consciências, um abanão, um chamamento à radicali-



**14 DE AGOSTO DE 2015**

## **Sessão Comemorativa do 630.º Aniversário da Batalha de Aljubarrota**

dade, um convite a rever os nossos critérios, a purificar as nossas intenções, a viver o Evangelho com autenticidade.’

Que São Nuno interceda por nós junto de Deus para que, pelo seu exemplo, sejamos capazes de viver uma vida como ele viveu, sendo verdadeiros e autênticos discípulos de Jesus, no caminho que somos chamados a percorrer no mundo onde hoje vivemos e que queremos ajudar a transformar segundo os critérios e os valores do Evangelho.”



Acabada a Eucaristia com a habitual acção de graças, o Cor. José Paulo Berger encerrou as cerimónias, no Campo de S. Jorge, com extensa e muito bem documentado alocução sobre a Batalha de Aljubarrota.

Referiu, pormenorizadamente, o posicionamento das tropas em combate e sua deslocação.

Relatou, ainda, a tática usada por D. Nuno, em particular o uso de besteiros e arqueiros nos flancos e de lanças e paliçadas na frente.

A carga de cavalaria, esbarrando na defesa portuguesa, desorganizou-se enquanto o Condestável voltam a dispor as suas hostes. Esmagados os castelhanos, a batalha estava ganha.

Concluiu realçando o ânimo e a fé de D. Nuno Álvares Pereira, no contexto da estratégia militar.

Daí rumou-se a Rio Maior para um tempo de descanso, almoço e visita ao Espaço Museológico, sede do Instituto Eugénia Lima. Esta rainha do Acordeão, a Amália do Acordeão como ficou conhecida, é uma figura incontornável no panorama artístico português. A sua longa vida, recheada de apresentações em Portugal e no estrangeiro e ainda bem presente nos muitos discos editados, encontra-se recordada neste Espaço muito bem conseguido.

São fotografias pessoais ou em companhia de outros artistas e ainda com as mais diversas entidades públicas, são discos e capas, livros, pinturas, cartas, recortes, partituras manuscritas, cartazes, troféus, pergaminhos, medalhas, placas de agradecimento, taças,

lembranças, miniaturas, esculturas, móveis, cerâmicas, porcelanas, vestidos, chapéus e bengalas pessoais, diplomas e condecorações municipais e nacionais e ainda alguns dos acordeões com que actuou (o Scandalli, “o seu mais precioso tesouro”, foi pessoalmente oferecido pela organista a N. Sr.<sup>a</sup> do Rosário de Fátima 4 dias antes de falecer).

O Legado desta grande artista que tão intensamente viveu, dando testemunho da sua integridade, não se esgota neste espaço (e nos restantes existentes no edifício) mas sim mantem-se presente nas pessoas e instituições que a sua caridade, generosidade e voluntariedade recorda.



E este dia da Portugalidade continuou com a visita às Salinas Naturais de Rio Maior, tesouro patrimonial, único no interior do País, e claramente relacionado com a temático dos solos, declarado neste ano, na 68.<sup>a</sup> Assembleia Geral da ONU, o Ano Internacional dos Solos.

A natureza calcária da Serra dos Candeeiros origina a formação de rios subterrâneos. Um destes atravessa uma jazida de sal-gema que alimenta os oito tanques onde a água se evapora. Após a passagem pelos “talhos”, o sal é recolhido, posto a secar, moído e, sem qualquer tratamento químico, entra no circuito comercial.

No local, gentilmente recebidos pela D. Lurdes Henriques, da Câmara Municipal de Rio Maior, foi possível não só visitar as salinas como conhecer os queijinhos e a flor do sal e, ainda, as casas de madeira com as suas características fechaduras.



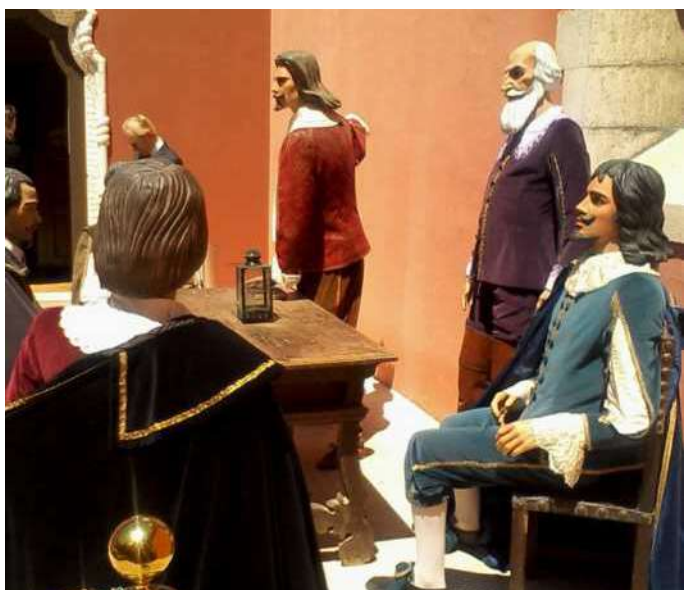
Foi um dia enriquecedor em que se comemorou uma das mais relevantes efemérides nacionais a par da promoção de actividades didácticas e culturais.

## Actividades no Palácio

Apesar de ter encerrado no mês de Agosto, o Palácio da Independência foi ainda palco de algumas actividades nos meses de Julho e Setembro.

### JULHO

Neste mês a Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril (ESHTE) e a Escola Profissional Almirante Reis (EPAR) providenciaram-nos, de forma graciosa, duas alunas estagiárias dos Cursos de Turismo e Informação Turística para guiarem, em várias línguas estrangeiras (espanhol, inglês, italiano, russo e romeno, os turistas que visitaram Lisboa.



Nunca este Palácio e os seus jardins foram tão visitados por estrangeiros!

Visitas muito apreciadas, como regista o Livro de Testemunhos do Palácio onde os visitantes deixaram as suas impressões. Cada linha, cada palavra denota bem como as pessoas, que pela primeira vez vêm a este Palácio, ficaram surpresas e entusiasmadas com a conjura aqui planeada e que levou ao 1.º de Dezembro de 1640.



Também tivemos o prazer de ouvir o Cor. Américo Henriques, numa organização da nossa parceira institucional, Comissão Portuguesa de História Militar, que nos brindou com uma fantástica palestra sobre a Batalha de Waterloo (sita na actual Bélgica e que na altura era parte integrante do Reino Unido dos Países Baixos), e a campanha de 1815.

### SETEMBRO

Neste mês, o Palácio abriu-se para os lisboetas e, numa parceria com o Teatro Nacional D. Maria II, foram organizadas várias encenações teatrais.

O parque de estacionamento do Palácio, transformado em palco, nos dias 11, 12 e 13, possibilitou a que alunos das Escolas Profissionais de Teatro fizessem leituras de “Enquanto Há Luz”.



Os jardins do Palácio foram também muito concorridos tendo aí decorrido as Leituras Encenada de Ricardo III.

No dia 17 a nossa parceira institucional, Fundação INATEL, promoveu um Workshop sobre Egiptologia aberto aos nossos associados. Esta “Master Class” de Egiptologia foi leccionada pelo Prof. Doutor José das Candeias Sales e encheu o Salão Nobre do nosso Palácio.



No dia 24 foi a vez do Palácio ir ao encontro dos lisboetas. Mais uma sessão bem sucedida das Academia (s) em interface, na FNAC do Colombo.

Por último, no dia 29, o Salão Nobre do Palácio albergou um importante evento internacional. Tratou-se do Seminário “Pensamento, língua e literatura: efeitos de encontro”, cuja coordenação esteve a cargo da nossa Directora Prof.ª Doutora Annabela Rita e do Doutor Renato Epifânio.



## Visitas Culturais

Neste 3.º trimestre as visitas culturais mantiveram a habitual periodicidade e interesse, continuando assim a merecer a entusiástica adesão dos nossos sócios.

### AZEITÃO

No dia 12 de Julho a SHIP foi até Azeitão. Uma manhã dedicada ao fabrico de produtos desta região: os queijos de Azeitão onde quatro dos nossos associados puderam pôr “mão na massa”, seguido de degustação e acompanhada de um Moscatel de Setúbal; e a Fábrica dos Azulejos de Azeitão, onde ainda se mantém o processo de fabrico manual, com origem no séc. XVIII, usando a técnica da faiança.



Da parte da tarde visitou-se o Moinho de Maré da Mourisca, situado na Herdade da Mourisca, na Reserva Natural do Estuário do Sado. A data da sua construção remonta ao ano de 1601. Depois de muitas transformações e reconstruções, encontra-se totalmente recuperado e parcialmente funcional para a actividade de moagem. Os nossos consócios e amigos tiveram ainda a oportunidade de observar a grande biodiversidade de flora e de fauna, com mais de 250 espécies diferentes de aves.



### CONDEIXA-A-NOVA

A 25 de Julho foi Condeixa-a-Nova! Da parte da manhã visitou-se o Museu e Ruínas Romanas de Conímbriga, uma das maiores povoações romanas de que há vestígios em Portugal. Habitada desde o séc. IX a.C. e romanizada no séc. I a.C., a vida desta cidade está bem patente nos restos de casas, pátios, jardins, ruas, artefactos e pequenas curiosidades. A sua dimensão antevê o muito ainda não descoberto.



A tarde foi passada na Casa-Museu Fernando Namora. Tem no seu acervo todo o mobiliário e documentação que pertenceu a este filho da terra, destacando-se a colecção de manuscritos, apontamentos originais, provas tipográficas, livros publicados e anotados e um conjunto de objectos que dão vida à oficina do escritor.



Antes do regresso a Lisboa, visitou-se o Palácio dos Almadas, também em Condeixa. Este edifício, construído no séc. XVI (pertença da nobre família com o mesmo nome) ganhou notoriedade por receber, ao longo dos anos, diversas individualidades da mais distinta nobreza e realeza europeias. Hoje é uma pousada de charme, das Pousadas de Portugal. Para terminar em beleza, houve um lanche nos jardins, composto de limonada e da famosa escarpiada.

### ESCAROUPIM E ALPIARÇA

Depois das férias, a SHIP foi até Escaroupim e Alpiarça, no dia 18 de Setembro. Da parte da manhã, realizou-se um agradável passeio de barco pelo Tejo, em canais pouco profundos, partindo do cais do Escaroupim e passando pela Ilha das Garças, Ilhas dos Amores, Ilha dos Cavalos e Vila Ribeirinha de Valada. A riqueza da fauna e da flora, com a garça-branca-pequena, a altiva garça-real, o corvo-marinho, o milhafre-preto, a águia-pesqueira, a águia-d'asa-redonda e ainda os potros “lusitanos” da coudelaria de Alter Real, em estado selvagem, foi largamente apreciada.



À tarde, visitou-se a Casa dos Patudos em Alpiarça, residência de José Relvas desde os finais do séc. XIX até 1929, data da sua morte. A dor da perda dos seus três filhos também está presente, particularmente o quarto de Carlos Relvas, fechado ao público

por ordem testamentária do pai, após a morte da esposa D. Eugénia em 1960, preservando assim a memória do seu filho.

No interior, encontra-se um vastíssimo espólio de arte: os bens pessoais da família, a biblioteca, o arquivo e o mobiliário criado por Raul Lino. Por testamento, José Relvas legou a Quinta dos Patudos ao Município de Alpiarça, impondo que a residência fosse conservada como museu e mantivesse a designação de Casa dos Patudos.



### ALCÁCER DO SAL

A 30 de Setembro, consócios e amigos da SHIP, visitaram Alcácer do Sal, terra da sombra azul da palavra moira e branco vivo da palavra sal...



Conduzidos pelo guia da Câmara Municipal, da parte da manhã, visitou-se o castelo onde está inserida a Pousada D. Afonso II e a Cripta Arqueológica, a maior do país. Neste local, foram descobertos vestígios da Idade do Ferro que remontam ao séc. VI a.C., bem como estruturas do período romano e da ocupação islâmica, muros medievais da época cristã pós-Reconquista, apoiados parcialmente em paredes romanas que se sobrepõem a estruturas preexistentes.

Antes de almoço, deu ainda tempo de ir até à Igreja de Santa Maria do Castelo, fundada pela Ordem de Santiago, após a reconquista da cidade por D. Afonso II, em 1217. É uma igreja de três naves, possui um púlpito setecentista suportado por um anjo, capelas com faustosa talha dourada, revestimentos em azulejos e traços góticos, manuelinos e barrocos.

